

DIÁRIO DA JORNADA DE ROMA DO EMBAIXADOR EXTRAORDINÁRIO, O MARQUÊS DE FONTES, NO ANO DE 1712.

SARA AUGUSTO
Universidade Católica Portuguesa
FCT

RESUMO

A figura do Marquês de Fontes, D. Rodrigo Anes de Sá Meneses e Meneses, teve na primeira metade do século XVIII uma significativa projecção nacional e internacional, ao serviço de D. Pedro II e sobretudo de D. João V. Enquanto representante do rei na corte de Roma, e depois na corte de Madrid, a sua acção mereceu um conjunto de discursos panegíricos capazes de perpetuar os acontecimentos de que foi protagonista, a excelência do seu carácter e a virtude das suas acções.

Neste trabalho, pretendemos dar notícia da relação da sua embaixada extraordinária a Roma (1712-1718), com a apresentação do *Diário da jornada de Roma*, integrando-o no conjunto de uma literatura de viagens praticamente desconhecida, caracterizada pela narração e pela descrição do extraordinário, da ostentação e do protagonismo.

Palavras-chave: Marquês de Fontes, D. João V, Roma, literatura de viagens, diário.

ABSTRACT

The figure of Marquês de Fontes, D. Rodrigo Anes de Sá Meneses e Meneses, had a significant national and international projection in the first half of the 18th century at the service of D. Pedro II and above all of D. João V. While representative of the king in the court of Rome, and afterwards in the court of Madrid, his action deserved a number of panegyric speeches capable of perpetuating the events which he took part in, the excellence of his character and the virtue of his actions.

In this paper, we intend to reveal the narrative of his extraordinary embassy in Rome (1712-1718), with the presentation of the *Diário da jornada de Roma*, characterized by the narration and by the description of the bizarre, the ostentation and the protagonism.

Key words: Marquês de Fontes, D. João V, Rome, Baroque literature, travel literature, diary.

1. D. Rodrigo Anes de Sá de Almeida Meneses, 3º Marquês de Fontes

A miscelânea com a cota Ms. 677 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra apresenta entre as folhas 112 e 127 (recto e verso) um manuscrito com o título *Diario da jornada de Roma, que fiz sendo Secretario da Embaixada Extraordinaria do Senhor Marques de Fontes. Ano de 1712*. São trinta páginas de texto cuja estrutura segue a arrumação cronológica própria da deslocação no tempo e no espaço, constituindo o diário da viagem do 3º Marquês de Fontes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses (1676-1733), no cumprimento das funções de embaixador extraordinário de D. João V junto do Papa Clemente XI, posição que ocupou entre 1712 e 1718.

Para além de continuar uma longa tradição familiar de serviço diplomático, D. Rodrigo apresentou desde cedo as virtudes necessárias ao desempenho das funções de embaixador do rei português. Nos documentos que reuniu com vista à elaboração de uma memória biográfica do Marquês de Fontes¹ (Marquês de Abrantes, a partir de 1718), que não veio a ser publicada, o padre D. José Barbosa (1674-1750), clérigo regular teatino, nomeado Cronista da Casa de Bragança por D. João V, académico da Academia Real de História Portuguesa, oferece-nos anotações que compõem um retrato muito favorável de D. Rodrigo.

Nascido em Lisboa a 19 de Outubro de 1676, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida de Menezes, foi o terceiro filho de D. Francisco de Sá e Menezes², “pera que se veja que nem sempre os primeiros frutos são os melhores, e que a natureza não faz muitas vezes os maiores esforços em obsequio dos primogenitos” (418, 20v.)³, baptizado por

¹ Biblioteca Nacional, cód. 418 (será referido apenas pelo número do manuscrito e da folha, assinalando o verso). A ficha bibliográfica situa a composição destas anotações entre 1701 e 1750, embora seja possível datar alguns documentos com menor intervalo de tempo.

² D. Francisco de Sá e Menezes (c1640 – Março de 1677), filho de D. João Rodrigues de Sá e Menezes e de D. Luisa Maria de Faro. Casou com D. Joana Luisa de Lancastre (22-12-1650). Teve como filhos D. João Rodrigo de Sá e Menezes, 5º Conde de Penaguião; D. João Rodrigues de Sá e Menezes, 2º Marquês de Fontes; e D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes, 1º Marquês de Abrantes (19-10-1676 / 30-10-1733).

³ Na edição dos documentos constantes neste trabalho inserimos a numeração das folhas entre parênteses curvos, indicando ainda a indicação de verso. Mantivemos a sucessão das entradas diárias. Desdobrámos as abreviaturas e actualizámos a utilização de maiúsculas e minúsculas. Modificámos alguma pontuação, sobretudo as vírgulas e os dois pontos. Indicamos as lacunas que não foi possível preencher e o

seu tio D. Luís de Sousa, que foi Cardeal-Arcebispo de Lisboa. Depois da morte de D. Francisco, em 1677, foi sua mãe, a Marquesa viúva, D. Joana de Lancastre, senhora de grandes virtudes⁴, que se encarregou da criação e da educação dos filhos. Para D. Rodrigo Anes de Sá destinou o estudo das Letras, tendo tido como professor o Mestre Inácio da Silva, “homem tão consumado na profissão de lingua latina que naquele tempo não teve igual” e “cuja erudição foi celebrada em todas as Academias do seu tempo e cujas letras deo a Corte portuguesa a merecida estimação” (418, 21). Mas a Marquesa de Fontes teria de mudar drasticamente os seus planos depois da morte dos seus dois filhos mais velhos. Tinha D. Rodrigo 12 anos quando a morte de D. João Rodrigues de Sá e Menezes, em 1688, o fez herdeiro da grande casa de seus avós⁵. Casou-o D. Joana com a filha do Duque de Cadaval, D. Isabel de Lorena, que tinha estado prometida ao irmão de D. Rodrigo. Não durou muitos anos esta união; D. Isabel adoeceu e, tendo-se mudado para Évora à procura de melhores ares, faleceu

texto indecifrável com ponteados. Eliminámos os rasurados. As notas à margem e os entrelinhados foram incluídos no texto devidamente assinalados. Os erros manifestos, como a falta de letras, faltas de concordância e palavras repetidas, foram corrigidos e devidamente assinalados com parênteses rectos. Actualizou-se o emprego de i/j, de u/v, do c/ç; uniformizou-se a utilização do s/z (fes/fez) e do s/c/ç (sinco/cinco). Regularizou-se a grafia da 3ª pessoa plural dos verbos (forão/foram). Simplificaram-se as consoantes duplas. Separaram-se as palavras indevidamente unidas e os pronomes mesoclíticos por hífen. Acentuaram-se as palavras homógrafas e as palavras monossilábicas. Desdobraram-se as abreviaturas nasais.

⁴ D. Ana de Lorena (1681) era meia-irmã de D. Isabel de Lorena (1674), ambas filhas de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 1º Duque de Cadaval. D. Isabel era filha do segundo casamento de D. Nuno com Marie Angélique Henriette de Lorraine e D. Ana de Lorena do terceiro casamento, com Marguerite Armandine de Lorraine. D. Ana casou com Luís Bernardo de Távora, 5º Conde de S. João da Pesqueira, e foi mãe de Leonor de Távora (1700- 1759).

O elogio de D. José Barbosa estende-se às duas irmãs: “Tratou logo depois desta fatalidade a marquesa viúva com particular cuidado da educação de seus filhos, ainda tão meninos, que o mais velho tinha dous anos e o mais pequeno não excedia de hum. Não sonhou a lisonja romana iguaes virtudes às que realmente vio praticadas esta Corte pela Marquesa de Fontes D. Joana de Lancastro, porque foi dotada de grande authority, de grande respeito, de grande entendimento, de grande prudencia e das mais virtudes que faziam hũa perfeita Matrona; as quaes vemos ainda hoje continuadas com veneração na pessoa da sua dignissima irma, a Ilustrissima e Excelentissima senhora D. Ana de Lorena, Camareira Mor da Rainha e da Princesa do Brasil, nossas Senhoras, e Aia de suas filhas serenissimas” (418, 21).

⁵ “Com esta não esperada fatalidade mudou de idea a Marquesa de Fontes, porque já o considerava como unico herdeiro da grandeza dos seus ascendentes que, na paz e na guerra, se fizeram dos mais benemeritos na Monarchia Portuguesa, porque, ou no gabinete ou na campanha servirão heroicamente aos seus principes” (418, 21v.).

nesta cidade a 26 de Novembro de 1699⁶. É com grande sentimento que D. José Barbosa descreve a dor do Marquês de Fontes, sendo possível perceber nas suas palavras o carácter fiel, animoso e superior de D. Rodrigo, mas também o bom gosto e a elegância que haveria de pôr em todas as suas acções e posteriores manifestações em favor do poder real.

Causou este golpe tão grande sentimento no coração saudosissimo do Marques que o fez visível a todos os que o tratavam, porque as cortinas do leito e a colcha as mandou fazer de baeta preta, de sorte que quem a via necessariamente conhecia o excesso da sua dor; e sendo de hum coração tão dilatado que padecio alguns efeitos da inconstancia da fortuna com animo impertubavel e superior a todas as desgraças, este o lastimou de modo que o não pode dissimular, porque o excesso de sua saudade lhe descobriu hum segredo tão novo de sentir, que o não puderam conhecer os que merecerão no mundo a fama e milagre do amor conjugal. Pouco se deveria a si o Marques, se as suas finezas se parecessem com as dous outros; ainda passou a cenarios e maiores demonstrações, porque elegeo pera sepultura da S^a D. Isabel a Capela do Senhor dos Passos que está no Claustro do Convento de Nossa Senhora da Graça dos Agostinhos Eremitas da Cidade de Evora, e a mandou ornar com pedras tão excelentes e com tão elegante artificio que he hum milagre da arte e da natureza, da natureza pela qualidade das pedras, e da arte pelo primor da architectura. (418, 21v.)⁷

Foi a partir desta altura que o Marquês de Fontes se colocou de forma mais directa ao serviço do rei. Na crise desencadeada pela Guerra da Sucessão de Espanha, entre 1702 e 1714, viu-se D. Pedro II envolvido numa aliança com os ingleses e com os alemães que pretendia impedir a união dinástica da França e da Espanha, sendo herdeiro o Duque de Anjou, D. Filipe de Bourbon, como tinha sido decretado pelo testamento de Carlos V e que Portugal começara por

⁶ Do casamento com D. Isabel de Lorena, D. Rodrigo teve quatro filhos: D. Ana Maria Catarina Henrique de Lorena (1691-1761), D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes (1695-1756) que foi o 2º Marquês de Abrantes; D. Maria Sofia de Lancastre (1696-1758) e D. Luísa Maria de Faro (1697-...).

⁷ D. José Barbosa descreve as virtudes de D. Isabel do mesmo modo encomiástico com que já referira D. Joana e D. Ana de Lorena: “Tudo merecia aquela grande alma pelas heroicas virtudes, de que foi dotada, porque sendo tão altamente distincta pela coroa da ascendencia de seus Avós por huma e outra linha, nunca fez acção ou proferio palavras de que se pudesse argumentar que se lembravam a quem era. Tanta foi a sua modestia e tanto foi o desprezo do que o mundo tanto costuma idolatrar! Nas doenças de criados graves que haviam em casa, era tanta a sua caridade que não só os visitava, mas examinava o como se lhes assistia e, pera que não padecessem por causa de algum descuido, lhes deixava dinheiro pera que pudessem amandar” (418, 23).

reconhecer como legítimo⁸. Metido em guerras, D. Pedro elegeu em 1703 D. Rodrigo como Mestre de Campo do Terço Velho de Setúbal, função que só deixou por alvará de Sua Majestade a 22 de Março de 1706.

D. José Barbosa narra os acontecimentos dando conta simultaneamente das virtudes do Marquês de Fontes. Na condução do seu regimento, que fardou à sua custa e com uma bizzarria que excedia a todos os outros, recusou favores particulares, hospedou-se em mosteiros e deixou ricas esmolas; era prudente, justo com os particulares que o acolhiam e generoso com os seus homens⁹. Com a morte de D. Pedro II, sucedeu-lhe no trono D. João V e começou-se a delinear o destino do Marquês de Fontes.

No mesmo ano, em que deo baixa, faleceo a sete de Dezembro aquele amoroso Pai dos seus vassallos, El Rei D. Pedro 2º <de memoria eternamente saudosa>, e sucedendo-lhe no trono seu grande filho El Rei D. João o 5º, igualmente herdeiro da Coroa que das virtudes, começou a considerar na pessoa do Marques todas aquelas circunstancias que o habilitavam pera executar os seus fins, como eram grande entendimento, grande generosidade, grande comprehensão dos negocios, grande representação de casa e até excelente figura, pera representar dignamente a pessoa de hum Principe, como advertem os politicos quando falam nas qualidades dos embaixadores. Nomeou Sua Magestade, que Deus guarde, por seu Embaxador extraordinario a Roma ao Marques de Fontes, como quem fiava da sua recta capacidade o feliz successo das pretensões <a que mandava> que, ainda que pias, nem toda a piedade he <sempre> bem sucedida. Não teve logo esta missão o seu efeito, porque antes que se executasse, passarão alguns anos, porque esta he a condição dos negocios graves necessitarem de muito tempo pera o seu exame <e pera a sua premeditada conclusão>. (418, 26)

A *Carta de Instrução* de D. João V, datada de 29 de Agosto de 1711¹⁰, anunciava como principal resolução a questão do padroado

⁸ D. José Barbosa não deixa de comentar este facto com um misto de ironia e amargura: “Entendeo a politica que este era o meio de não serem os Portugueses espectadores em hum theatro em que todos os Principes da Europa faziam figuras. Pera este fim se prometeram condições tão largas que, alem de serem feitas do alheio, bem mostravam que se não haviam de satisfazer. Artificio muito certo em negocios semelhantes porque tudo depois se desculpe com a infelicidade dos successos militares” (418, 23).

⁹ (...) “e como o Marques em toda a parte era o mesmo deo ordem na cozinha que a todo o soldado, que viesse pedir esmola, se lhe desse huma ração, como quem sabia que soldados famintos não podem servir como se deseja, porque o abatimento do animo começa pelo abatimento das forças” (418, 24).

¹⁰ Encontramos a transcrição do mesmo texto em Brasão, 1938: 39-40 e Brasão, 1943: 70-79.

das missões da China e a actuação do Patriarca de Antioquia, factos que motivavam as numerosas queixas que o embaixador deveria apresentar diante de Sua Santidade.

2. A embaixada do Marquês de Fontes a Roma (1712-1718).

Nos apontamentos de D. José Barbosa, a embaixada do Marquês de Fontes em Roma ocupa um espaço privilegiado. Em primeiro lugar, o relato desta missão é apresentada na mesma miscelânea (cód. 418), em dois manuscritos distintos, com letras e redacções diferentes, apesar de dizerem respeito aos mesmos acontecimentos. A primeira sequência, entre as fls. 26v. e 35v.¹¹, aparece reescrita nas fls. 55-67v., sendo que esta última, numa letra diferente e bem mais legível, incorpora as anotações que na primeira versão se encontravam em margem. Tendo em conta estes aspectos, será esta versão do relato da embaixada que referiremos neste estudo. Pelas informações que no correr do texto nos são dadas, sobretudo a referência a André de Melo e Castro, Enviado Extraordinário de Portugal em Roma, “o qual depois foi Conde das Galveas e Embaixador na mesma Corte, e hoje Viso rei do Brasil” (418, 55v.), podemos situar a sua redacção entre 1735 e 1749.

Tendo recebido ordem de D. João V para partir, o Marquês de Fontes embarcou para Génova a 9 de Janeiro de 1712. Depois de uma viagem turbulenta e tempestuosa, chegou ao seu destino a trinta de Março. Permaneceu em Génova mais de um mês e meio, embarcou para Liorne a 17 de Maio, onde chegou no dia seguinte e, viajando por terra, chegou a Roma na noite de 21 do mesmo mês.

Para esta primeira parte do relato da embaixada, a viagem de Lisboa a Roma, D. José Barbosa socorreu-se dos apontamentos do Padre Lázaro Leitão, incorporados no mesmo códice 418, fls. 111 e 111v. Condutoário com privilégios de lente na Universidade de Coimbra, o Padre Lázaro Leitão Aranha foi depois Desembargador dos Agravos, deputado da Mesa da Consciência, cônego e principal da Patriarcal e fundador, em 1747, do Recolhimento de Nossa Senhora dos Anjos, para viúvas nobres, pobres e honestas, e seus filhos. Mas importa-nos sobretudo o facto de o Padre Lázaro ter sido o Secretário desta Embaixada enviada por D. João V ao Papa Clemente XI em 1712. Do resumo dos principais acontecimentos da missão

¹¹ O final da embaixada, quando D. Rodrigo chega a Lisboa, no Sábado de Ramos e vai beijar as mãos do Rei, já está descrito na fl. 37, por causa da interrupção nas fls. 36 e 36v.

diplomática do Marquês de Fontes, resultaram as seguintes anotações, em duas páginas, que forneceu a D. José Barbosa:

Em Sabado, 9 de Janeiro de 1712, se embarcou o Marques de Fontes Embaixador na nau Nossa Senhora das Vinhas, de 60 peças, em conserva de 8 naos genovesas, mas pelo tempo tempestuoso se levou ferro no Sabado seguinte 16 em que se sahio da Barra, e sempre com tempos contrarios. A 28 se avistou o Estreito de Gibaltar; continuando o mau tempo se aribou a Gibaltar a 10, daonde sahio a 19, continuando o vento contrario. Ao entrar o golfo de Leão sobreveio hũa tempestade que com grande perigo se aribou a Calhari. Em 19 de Março foram todos descalços a Nossa Senhora de Buen Aire, e o Embaixador lhe deu a oferta de hũa barra de ouro de 500.000 reis. O Viso rei lhe mandou coches e convidou a jantar, e a 22 sahio pela parte de Leste e a 30 se deu fundo em Genova onde se deteve o Embaixador dois meses para alguns preparos. E tendo a Republica oferecido huã galera ao Embaixador, se embarcou nela a 17 de Maio. A 18 desembarcou em Leorne e, porque no Domingo 22 se celebrava em Roma a Canonização dos Santos, tomou no mesmo dia 18 seges da posta e na noite de 21 chegou a Roma. Foi hospedado do Enviado Andre de Melo, e este fez aviso a Sua Santidade de que tinha chegado o Embaxador, que lhe mandou dar a boa vinda. E na madrugada do dia 22 foi para S. Pedro pera um choreto, que lhe estava perparado, ver a função da canonização. No dia // dia 23 o visitaram o Cardeal Conti, o Embaixador do Imperador, e o de Veneza. A 31 de Dezembro, estando athé então hospedado em casa do Inviado, foi o Embaixador pera o Palacio que tinha alugado em Praça Colona. A 30 de Abril fez o Embaixador ingresso das Muttas, e à noute foi beijar o pé a Sua Santidade e visitou o Cardeal Pauluci, Secretario de Estado, e o Cardeal Albani, Nepote. No primeiro de Maio se fez a festa com *Te Deum Laudamus* na Igreja de Santo Antonio, com Capela Prelaticia, havendo no dia seguinte hũa festa de fogo, e na seguinte hũa Serenata publica, e em todas as tres noutes luminarias. A 11 de Fevereiro de 1715 se mandou pedir a primeira Audiencia a Sua Santidade, se lhe concedeu a tarde de 17 do mesmo mês, e continuou no dia seguinte a visita do Sacro Colegio. A 4 de Julho de 1716 sahio a primeira vez com seus coches ricos em publico à Audiencia de Sua Santidade com a noticia do nascimento de hum Infante, hoje Principe, e continuou as visitas em publico ao Sacro Colegio, e ultimamente em 17 de Janeiro de 1718 sahio de Roma. Fez o caminho por terra athe Lisboa, aonde chegou em 10 de Abril do mesmo ano que era Sabado de Ramos, e El Rei lhe mandou que ficasse de semana. (418, 111-111v.)

Sobre estas anotações sumárias e objectivas do Padre Lázaro Leitão, que abrangem todo o tempo da missão diplomática, D. José Barbosa compôs o seu próprio texto, desenvolvendo o incipiente fio narrativo para um relato que se alongaria até 1718, data do regresso do Marquês de Fontes a Lisboa. De forma a permitir uma comparação efectiva, transcrevemos este segundo relato da viagem:

Resolveo finalmente El Rei, que Deus guarde, que o Marques de Fontes fosse dar principio à Embaixada pera que o destinara. Achava-se naquele tempo

susta no Porto de Lisboa huma nao genovesa chamada Nossa Senhora das Vinhas, de 60 peças, que havia de partir para Genova, comboiando oito naos da mesma Nação. Em Sabado, nove de Janeiro de 1712, embarcou nela o Marques Embaixador com toda a sua numerosa familia, em a qual havia muitas pessoas benemeritas desta honra, ainda que alguma depoes esquecida dos beneficios que havia recebido da generosidade do Marques, lhos pagou na escandalosa moeda da ingratidão. Não so lhe havia procurado da liberalidade de Sua Magestade o Habito de Christo, mas em huma comenda sua lhe deo oitenta mil reis de tença. Não pode no dia em que embarcou desembocar o Tejo pelo mao tempo que se levantou, de sorte que sahio pela Barra fora no Sabado seguinte, dezasseis do mesmo mes, navegando sempre com ventos que, se não eram totalmente contrarios, eram pouco favoraveis pera a viagem que queriam fazer os navios que hiam em conserva. A 28 desembocaram o Estreito, e como continuava o temporal, julgaram os Mareantes que era preciso ceder à sua furia e arribar a Gibraltar, aonde deram fundo a dez de Fevereiro. A 19 do mesmo mes se tornaram a fazer vela, sempre com susto por causa do mao tempo, athe que intrando no golfo, chamado de Leão, lhes sobreveio huma tão desfeita tempestade, que desconfiando todos, e o que he mais perdendo as esperanças de remedio os mesmos maritimos mais experimentados nos perigos do mar, se fez hum voto geral a Nossa Senhora de Buen Aire, imagem muito venerada junto à cidade de Calhari, capital da Ilha de Sardenha, de lhe hirem render descalços as graças, se a sua piedade lhes fizesse o beneficio de os livrar da morte que ja se viam beber. Como a Senhora he a Estrela do mar, serenou o tempo, e apontaram a Calhari a 29 de Março, e todos os navegantes satisfizeram o voto como o haviam prometido, mas com mais doloroso trabalho o Marques Embaixador, porque a cada passo que dava pela praia, como era de areia subtilissima, cada grao da mesma areia, que saltava, lhe fazia huma ferida de que lhe corria sangue, de sorte que ele, na satisfação do voto, fazia por todos a penitencia. Deo hum grande exemplo da sua devoção porque não quis comutação do voto, e mostrou a sua costumada generosidade oferecendo à Senhora huma barra de ouro do valor de quinhentos mil reis.

Logo que o Viso Rei de Sardenha teve noticia de tão grande hospede, lhe mandou coches com recado, que esperava a Sua Excelencia pera se servir da sua casa pera assistir nela em quanto se detivesse naquela ilha. Aceitou o Marques Embaixador o generoso oferecimento do Viso Rei, mas como todas as demoras lhe eram prejudiciaes, mal convalecido do trabalho passado, tornou a embarcar pela parte do Leste a 22 do mesmo mes, e a trinta deitou ferro no porto de Genova. Nesta cidade, lhe foi preciso dilatar-se <mais de mes e meio> pera dispor algumas cousas de que necessitava. Em reverencia da pessoa lhe ofereceu o Senado daquela Republica huma galé pera o conduzir ao Porto de Liorne, e embarcando-se nela a <17> de Maio, em 18 tomou terra em Liorne. Naquela cidade teve a noticia que, no Domingo da Trindade 22 do mesmo mes, canonizava a Santidade de Clemente XI cinco Beatos com a extraordinaria pompa que naqueles actos se costuma, e no mesmo dia tomou dezoito sejes de posta, e na noite de 21 chegou a Roma, e foi com magnificencia hospedado em casa do Enviado Extraordinario de Portugal Andre de Melo e Castro, o qual depois foi Conde das Galveas, e Embaixador na mesma Corte, e hoje he Viso Rei do Brasil, o qual sem dilação deo parte ao Papa de estar em sua casa o desejado Embaixador da Coroa Portuguesa, que no mesmo instante lhe mandou os perabens da sua vinda e o aviso de que no

DIÁRIO DA JORNADA DE ROMA DO EMBAIXADOR EXTRAORDINÁRIO, O
MARQUÊS DE FONTES, NO ANO DE 1712.

dia seguinte, em huma tribuna que se lhe preparava na Igreja de S. Pedro, viria, como vio, aquela magestosa e religiosissima acção. Logo na segunda feira o visitou o Cardeal Conte, que neste Reino havia sido Nuncio, e depois adourou o mundo catholico na sagrada magestade do Vaticano com o nome de Inocencio 13. No mesmo dia o visitaram os Embaixadores do Imperio e de Veneza. Tomou o Marques casa na Praça Colona, e a 30 de Abril de 1713 fez a intrada a que chamam de Mutas, e de noite foi bejar o pe a Sua Santidade, e visitou o Cardeal Pauluci Secretario de Estado, e o Cardeal Albani Nepote do Papa. (418, 55-55v.)

Partindo dos breves apontamentos que constituem a primeira transcrição, é visível como a narrativa de D. José Barbosa, incluindo e desenvolvendo variados pormenores, mantém como figura central o embaixador Marquês de Fontes. O desenho do seu carácter virtuoso e fiel, por um lado, e as mercês que recebe dos grandes senhores enquanto representante plenipotenciário de D. João V, por outro, constituem facetas essenciais na prossecução do objectivo último dos apontamentos coligidos por D. José Barbosa: a biografia e o elogio de D. Rodrigo Anes de Sá de Almeida Meneses de que resulta, em última instância, a glorificação do poder absoluto de D. João V.

A fama da generosidade do Marquês de Fontes começava a ser conhecida¹² e, depois da primeira entrada, “a que chamam de Mutas” (418, 55v.)¹³, em Abril de 1713, teve lugar em 1716, quarta-feira 8 de Julho¹⁴, a magnífica entrada pública, com a qual o Embaixador entregou ao Papa a Carta de Crença de D. João V, dando notícia do nascimento do novo Infante e fazendo-lhe “huma exacta e bem distinta relação do poderoso socorro que o mesmo Senhor mandava a favor de Italia, formidavelmente ameaçada pelo poder otomano” (418, 62). Ao longo de catorze páginas, D. José Barbosa oferece uma minuciosa descrição deste acontecimento extraordinário, “maravilha da arte e do bom gosto”. Para além da forma e da decoração das “carroças”, dos tecidos e das pedras preciosas, dos adereços em prata

¹² “No mesmo tempo que se soube em Roma da vinda do Embaixador de Portugal, começaram a correr do Parnaso muitas obras, com que a lisonja e a necessidade costuma experimentar a liberalidade de tão ilustres hospedes, e viram todos que a generosidade do Marques era ainda maior que a sua fama. De papeis e obras menores, passavam a dedicatorias de volumes, e não se esgotava a sua esperança, porque em vias de grandeza, se difundia pera todos o caudaloso mar da generosidade do Marques Embaixador” (418, 56).

¹³ Os dois documentos transcritos não coincidem na data deste acontecimento.

¹⁴ Nova discrepância na data; o Padre Lázaro Leitão indica 4 de Julho de 1716. A sequência da descrição da entrada pública aparece por três vezes neste código, reforçando assim o carácter disperso e típico de apontamentos a ser utilizados posteriormente.

e ouro, das alegorias representadas em cada uma, descrevem-se também os cavalos, magnificamente ajaezados, as faustosas librés dos criados e a presença do Embaixador e da sua família, provocando o desfile de tantas maravilhas profunda admiração no povo de Roma e motivando o agradecimento de Clemente XI a D. João V¹⁵.

Com esse magestoso e triunfal aparato, com o cortejo de mais de noventa Prelados e grande numero de cavalheros romanos e Estrangeiros, e de gentis homens de Cardeaes, Embaixadores e Principes, que concorreram em mais de trezentas carroças, entre universaes aclamaçoens entrou Sua Excelencia, a cuja pessoa como linhas ao centro se encaminhavam os olhos de todos, à Audiencia de Sua Santidade, o qual não satisfeito, pera honrar o Embaixador de se deixar ver publicamente, no lugar donde vio a entrada, lhe deo as maiores demonstraçoens de benevolencia e alegria, quando o admitio ao osculo do[s] seos santissimos pés. (418, 62)¹⁶

Cumprindo as instruções de D. João V, sobretudo no que diz respeito à obtenção de prerrogativas para a igreja portuguesa, empenhou o Marquês de Fontes toda a sua vontade e inteligência junto do Papa Clemente XI. Quando D. José Barbosa descreve a entrada pública do Cardeal Patriarca D. Tomás de Almeida na Igreja Patriarcal, a 13 de Fevereiro de 1717, não deixa de referir o papel do embaixador e a alta estima e consideração em que o tinha Clemente XI:

Desta nova dignidade, ainda não vista na realidade até aquele tempo em Portugal, foi instrumento o Marques de Fontes que, com a delicadeza do seo juizo, e com o particular agrado que moveo ao Papa Clemente XI, e com o terror que causou a toda Italia o atrevimento militar dos turcos, de que se vio desassombrada pelo glorioso sucesso da Armada de Portugal, foram os motivos de huma concessão tão particular que lhe não sabemos semelhante. Fez este grande Pontífice tão alto conceito do talento do Marques Embaixador que igualou o seu merecimento. Dava-lhe audiencias dilatadissimas, em que lhe comunicava os maiores negocios que ocorreram no tempo do seo ministerio. (418, 65v.-66)

D. José Barbosa refere ainda como o Marquês de Fontes recusou a oferta da dignidade cardinalícia (418, 66), apesar da insistência do Papa e de D. João V, prova tanto do talento e da virtude do Marquês como do elevado conceito em que era tido. Já em tom de avaliação final da sua missão diplomática, sendo tempo de D. Rodrigo Anes de

¹⁵ O Breve de Clemente XI está datado de 13 de Julho de 1716, segundo a cópia de D. José Barbosa.

¹⁶ A transcrição da entrada pública está apresentada em Brasão, 1943: 84-102.

Sá regressar a Lisboa, tecem-se rasgados elogios à sua virtude, prudência, discrição e profunda religiosidade. O relato da venda dos diamantes, descravados do espadim, alcança o efeito de verdadeiro caso exemplar e moral, constituindo mais uma prova do irrepreensível carácter do Marquês.

Em todo o tempo do seo ministerio na Corte de Roma, fez huma vida digna de admiração. Era secular no exterior e religioso no animo. Todas as semanas hia confessar-se a S. Jeronimo da Charidade com o Padre João da Guarda, portugues da Congregação do Oratorio de Lisboa, varão verdadeiramente merecedor de toda a veneração, com o qual não só se confessava como pecador, mas consultava os regimentos pera os encaminhar pelas direcçoens da sua doutrina, como politico. O seo palacio parecia huma bem regulada comunidade. Não queria criados que lhe perturbassem a paz que desejava, nem que o obrigassem a defender-lhes ou a patrocinar-lhes as suas desordens, como fazem com errada politica alguns Ministros, que se persuadem que he acção de brio a proctecção de insolentes. (...)

Foi pontualissimo na satisfação das dividas aos officiaes que o serviam. E sucedendo retardarem-se-lhe humas mesadas, sendo em ocasião que se lhes devia pagar ao menos alguma parte do que tinham vencido, se achou sem dinheiro, nem a quem o pedisse com decencia. Queixou-se ao seo mordomo do cuidado que esta falta lhe dava. Ele lhe disse que Sua Excelencia se podia valer, pera hum caso daqueles, de algumas das celulas reaes que tinha na sua mão e que importavam trezentos mil cruzados. Porem o Marques, cujo maior cuidado era o decoro do seo Principe, lhe respondeo que de nenhum modo o faria porque, como aquele dinheiro tinha apli[ca]ção pera certos negocios, não o devia de tocar, porque se poderia pedir e não o haver. Mas como se via obrigado pela razão e pelo brio a pagar aqueles officiaes, mandou descravar os diamantes de hum precioso espadim que tinha e os entregou ao mordomo, pera que no maior segredo do mundo os vendesse como seos e pagasse aos officiaes alguma parte do que lhe devia. Não sei se todos saberão imitar esta politica! (418, 66v.-67)

Relembrando as atribulações da jornada marítima para Roma, entre repetidos elogios e passos narrativos se dá por encerrado o capítulo da Embaixada Extraordinária do Marquês de Fontes à Santa Sé.

Vendo pois o Marques Embaixador satisfeitas as obrigaçoens da sua instrução, merecida a fama de hum incomparavel Ministro, desprezada a inveja dos que tudo impugnam, ou por odio ou por natureza, tendo recebido ordem do seo Principe pera se recolher à Patria, começou a se despedir pera vir descansar entre os seos. Sentio de sorte esta ausencia a Santidade de Clemente XI, que so ele, com a sua eloquencia, soube declarar no Breve que escreveu a Sua

Magestade, em que lhe deo conta da despedida do Marques e em que faz das suas virtudes a devida memoria, como quem o tratou tão intimamente¹⁷. (...)

Muitos e grandes Senhores foram Ministros em Roma, mas nenhum sabemos que merecesse semelhante Panegirico feito por hum Pontifece, que se distingue entre todos os seus predecessores pela magestade da eloquencia. E he de reparar que este elogio foi feito no mesmo dia 19 de Outubro em que o Marques compria a robusta idade de quarenta anos. Tudo merecia a grande diferença que este incomparavel Ministro aos mais embaixadores, porque soube unir na sua pessoa as virtudes de todos que, ainda divididas, os fizeram grande[s] na afirmação dos seus Principes.

Com saudades de muitos e com veneração de todos, sahio de Roma o Marques de Fontes em 17 de Janeiro de 1718, acompanhado do Conde de Penaguião seu filho e dos <...>. Fez a jornada por terra, com tanta felicidade que, sendo tão dilatada, não teve o menor susto, não era justo que expoesse a sua vida a semelhante perigo, como o que experimentou quando navegou para Italia. Chegou ao Palacio de Lisboa em Sabado de Ramos dez de Abril do mesmo ano. (418, 67-67v.)

O manuscrito de D. José Barbosa continua ainda o relato dos acontecimentos que envolveram o Marquês de Fontes, feito Marquês de Abrantes em 1718, com a descrição da missão em Madrid, culminando com a troca das princesas a 19 de Janeiro de 1729. O seu desempenho nestas ocasiões mereceu do biógrafo o mesmo geral aplauso. De D. Filipe V de Castela, o marquês receberia o Tosão de Ouro, vindo a falecer em Abrantes, a 30 de Abril de 1733 (Brasão, 1938: 35-36).

Integrando-se no tempo de dois reinados, o relato dos feitos de D. Rodrigo Anes de Sá nas suas missões militares e diplomáticas insere-se numa fase específica da Monarquia portuguesa e das relações do poder real com a Igreja. Entre 1670 e 1760, como afirma José Pedro Paiva, desenvolveram-se duas linhas estratégicas, entre a renovação da imagem que já fora mais influente no passado e a afirmação da soberania portuguesa face ao poder pontifício, desenvolvendo-se uma diplomacia cada vez mais hábil, com estratégias mais concertadas e dispondo de mais largos meios, capazes de proporcionar uma ostentação persuasora (Paiva, 2000: 164-165).

Neste quadro, a biografia e o elogio do Marquês de Fontes constituem uma fonte significativa para o conhecimento dos factos relativos aos reinados de D. Pedro II e de D. João V, mas também constituem um discurso de feição barroca, que privilegia o indivíduo e submete a narrativa dos acontecimentos ao primado do protagonista.

¹⁷ Cópia do Breve de Clemente XI (418, 67-67v.).

3. A viagem para Roma do Marquês Embaixador.

É esta mesma perspectiva, que centra os factos numa determinada personagem central, que determina também o *Diário da jornada de Roma do Embaixador Extraordinário, o Marquês de Fontes, no ano de 1712*. Os dois relatos, já transcritos, constituem apenas um breve resumo desta narrativa, o primeiro pedido por D. José Barbosa ao Padre Lázaro Leitão, a partir do qual se elaborou a primeira parte do relato da embaixada do Marquês de Fontes. Como já foi dito, o *Diário da jornada de Roma* ocupa trinta páginas, entre as folhas 112 e 127, da miscelânea Ms. 677 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. O texto apresenta-se completo até à fl. 125, numa letra cerrada e miúda, com anotações marginais, sendo que nas últimas quatro páginas assume a forma de apontamentos sumários e pouco perceptíveis.

Escrito a uma só mão, o narrador não se nomeia a si mesmo em todo o texto, apesar de ser personagem omnipresente, companheiro constante de viagem do embaixador português, ocupando com ele os lugares principais no navio e em terra. A cada passo se depara com este “eu”, observando e registando tudo, desde os andamentos mais perigosos da viagem marítima, até às recepções sociais, às celebrações religiosas e à descrição das igrejas e dos palácios, demonstrando uma curiosidade interessada e ilustrada. Quem seria este narrador da viagem?

A escolha do Secretário da Embaixada, que não foi unânime, recaiu sobre o mesmo Lázaro Leitão já referido anteriormente, cuja nomeação foi assinada por D. João V a 1 de Janeiro de 1712 (Brasão, 1943: 79-80). Comparámos o resumo autógrafo do Padre Lázaro Leitão, do já referido cód. 418 da Biblioteca Nacional, com o manuscrito do *Diário* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e parece-nos plausível que a redacção da narrativa da viagem seja da mesma pessoa. Tendo sido Secretário da Embaixada, com mais facilidade se consegue explicar a necessidade do relato, sobretudo tendo em conta as dificuldades sofridas na jornada, a sua proximidade com o Marquês de Fontes e o interesse pela descrição de pessoas, cerimónias, palácios e obras de arte, demonstrando ser pessoa de maior cultura.

Outro problema levantado pelo manuscrito diz respeito à sua datação. Supomos que deva ser posterior à viagem, podendo tratar-se de uma cópia ou de uma reescrita do diário original. A entrada do dia 4 de Abril, segunda-feira, está seguida da entrada do dia 11 do mesmo

mês, avisando no cimo da folha que “este dia se escreveo aqui por erro, pertence adiante” (123v.), retomando os acontecimentos do referido dia 4 logo a seguir; da mesma forma, a entrada do Domingo, dia 10, está seguida da indicação relativa ao dia 11: “Este dia por erro se escreveo em folha antecedente onde se pode ver” (125). Esta troca na ordem do diário só seria possível numa cópia posterior, uma vez que uma sequência natural dos dias não permitira estes lapsos. Mas este manuscrito também não deve constituir a versão definitiva ou mais completa, que não terá chegado a existir, uma vez que são abundantes as notas marginais e os entrelinhados, para além do facto de as últimas duas folhas (126-127v.) apresentarem apenas anotações sumárias, referências breves aos acontecimentos marcantes de cada um dos respectivos dias e apontamentos dispersos.

Quanto aos acontecimentos descritos, têm lugar a partir de 7 de Janeiro, quinta-feira, quando D. João V tomou a resolução de marcar o embarque da embaixada para o sábado seguinte, ao saber do comboio de naus genovesas que se preparava para zarpar da praia da Junqueira. A primeira entrada do diário data de 8 de Janeiro, sexta-feira, continuando pelos dias seguintes o relato do atraso na partida devido à intempérie. Só a 16 desse mês a nau capitânia Nossa Senhora das Vinhas, que tinha por capitão João Lourenço Viviani, saudou a torre do Bugio e deixou o reino, navegando a costa do Algarve entre os 18 e os 19 dias. Do comboio fazia parte ainda a nau Loureto, do capitão Berthol Ravarro, as naus de Ignacio Guido, e as naus de Sebastião Alfonso, Dominico Campaneli e João Baptista Bodraco, todos genoveses.

As entradas diárias acompanham as atribuições da viagem, entre dias seguidos de tormenta e furacões, fugindo as naus dos escolhos e baixios, dispersas pela fúrias do vento e do mar, perseguidas por corsários, impedidas de fazer aguada e de comprar alimentos frescos. O trajecto foi demorado e sofrido, justificando em Génova a “grande alegria e festejo com que esta nao era recebida pelo que tinha padecido e tardado” (122), “concorrendo multidão de gente aos baluartes e ameas da cidade, e pouco despois principiaram a concorrer grande quantidade de botes a rodear a nao” (122)¹⁸.

¹⁸ Para uma perspectiva comparativa com outras viagens seiscentistas e setecentistas a Roma ver Sara Augusto (1999).

O tempo desfavorável acompanhou as naus desde o primeiro dia em que o Marquês de Fontes embarcou¹⁹. Depois que partiram, a 16 de Janeiro, passaram dezassete dias até darem fundo no porto de Adra, arrastados por ventos contrários sem conseguirem aportar onde pretendiam. Não conseguiram tomar porto em Cádiz, passaram Tânger, Gibraltar e Ceuta, Málaga e Serra Nevada, e em Adra não conseguiram fazer aguada. Reunidos em conselho na nau de Lourenço Viviani, a 4 de Fevereiro, as soluções divergiram, sobretudo a posição mais extremada da nau Loureto, com a tripulação doente, já com registo de mortes, querendo recuar novamente até Gibraltar. Depois de sete dias em Adra, levantaram âncora, ainda avistaram Roquetas del Mar, mas acabaram por arribar a Gibraltar, já noite feita, a 10 deste mês. Fizeram aguada e permaneceram neste porto até dia 21, Domingo, impedidos de zarpar pelo tempo contrário, ventos desfavoráveis e mares grossos. Aproveitando algum tempo bom de oeste, chegaram ao cabo de Nossa Senhora da Europa, passaram o Cabo da Gata, mas no dia 26 já não conseguiram entrar no Golfo de Valença e navegaram com terrível tormenta e grande perigo por entre as Ilhas Baleares, entre 26 e 5 de Março. No dia seguinte avistaram terras da Catalunha, arribaram ao porto de Saló, de onde saíram no dia 9. No dia 12 amanheceram à vista do Cap de Creus mas recuaram à altura de Palamós forçados pelo mau tempo. No dia 15 já navegavam na costa da Sardenha e no dia 19 deram fundo na baía de Cagliari, onde permaneceram cinco dias, fazendo romaria a Nossa Senhora de Buen Aire como tinham prometido nos momentos de grande aflição por que passaram. Em tempo de Semana Santa, levantaram âncora no dia 23 e no dia 28 anoiteceram no golfo de La Spezia. Chegaram a Génova no dia 30 de Março, por volta do meio dia. Logo no dia a seguir cumpriram também a promessa ao Senhor do Castelo.

Depois de viagem tão atribulada, desembarcado e alojado, o Embaixador e a sua comitiva permaneceram em Génova todo o mês de Abril, só embarcando no dia 17 de Maio, pelas sete e meia da tarde para Roma. A partir de Livorno, onde chegaram no dia seguinte, o percurso foi feito por terra: a 19 passaram a noite em Poggibonsi, a 20 descansaram em Acqua-pendente, depois de passarem por Siena. No dia 21, a longa jornada inclui a passagem por Montefiascone e Viterbo, chegando a Roma já pela noite.

¹⁹ Na obra *O insigne Pintor e leal esposo* (1780), Vieira Lusitano, entre os treze cantos do seu longo poema biográfico, também relata a sua viagem a Roma, enquanto pupilo do Marquês de Fontes, enfatizando as tormentas que os atingiram.

As entradas do *Diário*, a partir de dia 15 de Abril, sexta-feira, consistem apenas em indicações sumárias que permitem, quando muito, perceber o percurso indicado e delinear as ocupações do Embaixador nos dias que permaneceu em Génova. Estas anotações rápidas prolongam-se até 6 de Junho, dezasseis dias depois da chegada do Marquês de Fontes a Roma.

A anotação dos dias, do tempo, dos ventos e das marés, das tempestades e das calmarias, das diversas etapas e horas do percurso, dos portos onde ancoravam e levantavam âncora, dos cabos, das praias, das cidades, constituem os elementos constantes do diário. Mas ao Secretário da Embaixada interessava também outro tipo de apontamentos. Desta forma, desde os fenómenos mais estranhos do tempo, como o fogo de Santelmo, até ao avistar de golfinhos e aos momentos de oração, com abundância de missas e ladainhas, é possível encontrar um conjunto de notas que matizam o texto de colorido e imprevisão. No dia 28 de Janeiro, por exemplo, conta-se como, pelas duas e meia da tarde, “se fez a celebre função dos marinheiros de baptizar os novatos”, descrevendo os disfarces e as penas distribuídas pelos embarcados incluindo o Embaixador e a sua comitiva. Por outro lado, o avistar de naus estranhas ao comboio provocava sempre susto e obrigava a prudentes safarranchos, arrumando os navios para a possível batalha. O estado de saúde dos marinheiros e dos passageiros revelou-se também uma preocupação contínua que motiva a referência constante ao longo do diário. A figura do Marquês de Fontes toma o papel central em todo o relato, sendo em função dele que se relatam determinados acontecimentos em detrimento de outros. Por exemplo, no dia 15 de Março, já ao largo da Sardenha, com mares violentos e ventos tumultuosos, entrando água no navio, o Embaixador rezou, prometeu, e vigiou toda a noite, substituindo por algum tempo o Capitão quase desfalecido de cansaço. Do relato desta atitude desenha-se um claro enaltecimento do Marquês de Fontes.

Em Cagliari, onde aportam a 19 de Março, depois do cumprimento da promessa, nos quase cinco dias que permaneceram na cidade, celebraram o Domingo de Ramos e tiveram oportunidade para visitar as principais igrejas e serem recebidos pelo Vice-rei, com todas as honras e cortesia. Com maior fausto ainda foi o Embaixador recebido em Génova. A descrição do banquete oferecido pelo Duque de Uzeda no seu palácio, a 3 de Abril, dá conta da abundância e da riqueza dos alimentos e da decoração, tudo sendo sinal da deferência para com o embaixador de Portugal. No que diz respeito à cidade, é

possível aferir pelas longas, curiosas e informadas descrições das principais igrejas, o elevado grau de interesse e de conhecimento do próprio Secretário e da comitiva do Embaixador que para todo o lado o acompanhava.

Tendo em conta estes aspectos, seleccionámos algumas passagens do *Diário da jornada de Roma* mais significativas em termos de estrutura do diário, contemplando sobretudo a partida de Lisboa e a chegada a Génova e as anotações quotidianas, e do discurso barroco: a curiosidade pelo pormenor; a importância da hierarquia e da convivência social; o impacto do espaço artístico e da sua descrição na narrativa.

A partida (Janeiro de 1712, fls. 112-113)

Diário da jornada de Roma, que fiz sendo Secretario da Embaxada Extraordinaria do Senhor Marques de Fontes. Ano de 1712 <na nao Nossa Senhora das Vinhas e Santa Rosa Genovesa, Capitão João Lourenço Viviani, capitanea de 6 peças, indo por almirante a nao Loureto do Capitão Berthol Ravarro de 7 peças; e em conserva as naos do Capitão Ignacio Guido de 26 peças, Sebastião Alfôncio de ... peças, Dominico Campaneli de ... peças, João Baptista Bodraco de ... peças, todos genoveses>.

Resolvendo Sua Magestade, que Deus guarde em 5ª feira 7 de Janeiro que no sábado nos embarquassemos, em o mesmo dia de quinta feira lhe falei em audiencia, e de tarde lhe bejei a mão particularmente em a casa junto à tribuna da Capela, e na mesma tarde tive aviso do Senhor Embaxador de que no sabado pela manhã cedo nos embarquassemos.

Sexta feira 8. Nesta madrugada se embarcou Sua Magestade para Salvaterra com bom tempo. Lá me despedi de alguns Conselheiros de Estado.

Sabado 9. Na madrugada me pus corrente para me embarcar, porque tive novo aviso por escrito do Senhor Embaxador de que pelas nove oras da manhã estivesse em sua casa para nos embarquarmos à ponta da Casa da India. Fui por Nossa Senhora da Madre de Deus onde me confessei e comunguei. Vim por Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Assumpção e despedindo-me em minha casa cheguei às nove oras a casa do Senhor Embaxador que, embaraçado ainda com alguns negocios, se não pode expedir deles athe às onze oras, em que foi ao Spirito Santo confessar-se, de ahí à Graça, a Nossa Senhora da Madre de Deus, e se recolheo a casa pelas tres oras e depois de despedido de sua casa, por o tempo estar tromtentoso, se resolveu a que fossemos por terra à Junqueira (despedindo a familia toda no esqualer e hum barco). Acompanharam-nos o Duque D. Rodrigo e o Bispo de Lamego em hũa calege, levando a Carlos Gemac no assento de diante. Em hum coche hia na cadeira detras o Conde de Atalaia moço, o Conde de Vimioso, na de diante o Conde de Vilanova e eu, na estribeira direita o Conde de Vilar Maior moço, na esquerda o Senhor Embaxador.

No fim da tarde (fl. 112v.) chegamos à praia da Junqueira, mas porque o nosso Capitão não tinha aviso e o tempo era brusco e tromtentoso nos não

conheceram para efeito de nos mandar o seu esqualer, e estivemos a risco de voltarmos a Lisboa a não aparecer o Capitão de hũa nao ingles a quem pedindo-se da parte do Senhor Embaxador nos levasse a bordo da Nao Santa Rosa. Despedidos da companhia nos embarquamos no seu esqualer e chegando a bordo salvou a nao ao Senhor Embaxador com ... tiros de canhão. Pouco tempo depois chegou a familia e algũa ropa do Senhor Embaxador no esqualer e barco aonde padeceram grande tromenta. O Senhor Embaxador me pôs à sua mesa e ao Padre Antonio de Paiva, Procurador Geral da Companhia da Índia, e a seu companheiro e ao Capitão da nao Lourenço Viviani. Fez-me o senhor Embaxador a honra de me dar hum dos dous camarotes que havia na ... d'amurada, eu em hum e ele em outro. De noute continuou o tempo tromentoso.

Domingo 10. Continuou o mesmo tempo. De tarde melhorou, mas a noute tornou a refrescar o vento.

2ª feira 11. O mesmo tempo. Pelas 9 oras veio visitar o Senhor Embaxador o Conde de Vilanova, e pelas 10 o Duque D. Rodrigo, que jantaram todos connosco. Às 4 oras da tarde veio a Senhora Marquesa de Fontes à praia e a Senhora D. Luisa e a Duquesa, e foi Sua Excelencia à praia visita-las.

3ª feira 12. O tempo totalmente abrandou com o mesmo vento. Às tres da tarde veio o Bispo da Guarda, D. João de Mendonça, e seu irmão, o Conde de Valdereis, e de aí a pouco D. Fernando de Meneses, filho do Conde de Ericeira. À noute continuou o mesmo tempo.

4ª feira 13. Pela manhã grande nevoa que se desolveo às dez oras com esperança de mudança de tempo. Às onze veio o D. Rodrigo filho do Duque, o qual jantou com Sua Excelencia. Às tres da tarde veio o Marques da Fronteira visitar Sua Excelencia; às 4 veio o Conde [de] Unhão. À noute o mesmo tempo.

5ª feira 14. Continuou o tempo com nevoa. Sua Excelencia e eu e Carlos Gemac fomos ouvir missa a Betlem, e viemos jantar ao navio.

6ª feira 15. Ao amanhecer soprou vento nordeste, e o Capitão deo (fl. 113) ordem para desanchorar. Mas abrandou o tempo athe às duas oras, o qual virando-se para norueste, o Capitão desanchorou e se foi para a anciada de S. Joseph. Salvando a Torre de Belemth com cinco tiros, e esta alvorando estendarte salvou Sua Excelencia com 13 e se lhes respondeo com 13. De tarde Sua Excelencia mudou de vestido para ir ver Sua Magestade que tinha chegado de Salvaterra, e se embarcou comiguo e Carlos Gemac. Foi bejar a mão a Sua Magestade que tinha ido para Santo Amaro, e vindo Sua Excelencia lhe beja a mão e lhe assistio a ceiar e o despicio ficando com ele athe às onze oras da noute, e mandando-me recado Sua Excelencia pelas doze oras nos embarcamos no bote. E chegamos ao navio pelas 2 depois da mea noute. <Neste dia veio o Mestre de Camera do Nuncio visitar Sua Excelencia de sua parte, e depois me fez a mim tambem visita da parte do Nuncio. Visitou também a Sua Excelencia D. Carlos de Noronha.>

Sabado 16. Vento norte, desfeita a nevoa se deu tiro de leva, e às sete oras se sarpa, começando o vento a crescer, e às nove se vira a proa para a barra e se começa a viagem, e à vista da Senhora da Boa Viagem se lhe rezou 5 Padres Nossos e Ave Marias e se lhes fez salva com 15 tiros e as costumadas boas viagens. S. Gião pôs estendarte e salvou primeiro com 11 tiros e se lhe respondeo com os mesmos. O mesmo fez a torre do Bugio com sete, conrespondida com os mesmos e, porque as outras naos não eram ainda sahidas da barra e o vento crescia, se pôs à capa. Às onze oras calma o tempo e

foi posta a proa ao oeste. Se fez pouco caminho por causa do mar banseiro. À noute, pondo-se o vento ao norte, se fez algum caminho. <Vimos hũa nao que vinha do sul com bandeira real.>

O baptismo dos novos marinheiros (28 de Janeiro de 1712, fls. 113v.-114)

5ª feira 28. Ao amanhecer claramente se descobre a boca do estreito (fl. 114) e com vento e mar em popa de oeste fazendo-se duas legoas por ora. Às 9 se entra no estreito com o mesmo vento. Às onze se ... Tangere a muito fazer forças de velas por esperar Loureto. Se bota a lancha ao mar para levar hum lenho grande ao navio de Campaneli para consertar o seo mastro, que na tromenta tinha padecido. Pelo meo deo Loureto hum tiro, pondo lancha no mar, pelo que os cinco navios se puseram em capa para esperar em saber o que queria, o que depois se soube do escrivão que vinha nela e era que o Capitão decia que era de parecer de entrar em Gibalthar, a que o nosso Capitão respondeo que era necessario aproveitar-se do tempo favoravel, e que se necessitasse de algũa cousa que lho daria, como com efeito lhe deou alguns sacos de feijões, favas, arroz, azeite, etc, e em chegando ao Loureto se proseguio o caminho. Às duas e mea da tarde se fez a função celebre dos marinheiros de baptizar os novatos, aparecendo o Doge a cavallo, acompanhado de dous assistentes, com guardas, tambor e abuares e, sentando-se debaxo de dossel, logo mandou fosse três vezes mergulhado no mar hum marinheiro que não quis ser cavallo, e porque ordenou que o terceiro mergulho se não seguisse, porque o porteiro não foi deligente em ir dar a ordem, foi condemnado por ele a mergulho; e a cada mergulho se dava hum tiro. O primeiro que foi chamado a juizo foi Sua Excelencia, o qual foi condemnado a pagar o que ele quisesse. Ele, fazendo chamar o seu secretario Antonio de Mendonça, deo este 10 moedas, e hũa aos meirinhos. E a mim se pôs tambem na minha vontade aquilo quisesse dar e dei duas moedas e hũa aos meirinhos. Os mais foram condemnados por decreto do Doge na forma que a ele lhe parecia, a hũa e mea moeda de ouro, e outros a menos, o Padre Paiva em 10 missas. Nisto apareceram dous visitadores os quais ouvindo as partes queixosas quiseram depor o Doge e castiga-lo, mas porque a ora era tarde e se tinha gasto tempo na função, os Visitadores se acomodaram e o Doge se retirou com o mesmo cortejo com que tinha entrado. Entrando a noute se passou Gibaltar e Ceuta. Às sete oras se fizeram as costumadas preces a Nossa Senhora da Europa, salvando-se com sete boas viagens e sete tiros. Às oito se passa totalmente o estreito com vento favoravel.

Aspectos da viagem (9, 10 e 19 de Fevereiro de 1712, fls. 116v.-117v.)

3ª feira 9. Continuando o mesmo vento se descobriram pela madrugada dous navios que navegavam a nós. Fez-se zafa rancho e se chegaram a duas legoas e se conheceram ser de mouros, pelo que o nosso Capitão se encorporou com os nossos navios e, chegando-se mais a nós os navios, descobrimos trazerem bandeira vermelha e outra inglesa. E pelos mares engrossarem fomos obrigados a arribar para Gibaltar, o que fizemos, e os navios inimigos se fizeram a Almeria e depois se fizeram ao largo. O tempo continuou de leste toda a noute. <safarjanjo> (fl. 117)

4ª feira 10. A vigia da gabia disse descobrio 2 navios por leste que ficava à nossa popa, pelo que se fez safa rancho, pondo-se as armas e trazendo-se ao conves. E depois de algum tempo se conheceo serem as do dia antecedente, pelo que se uniram as nossas naos. Às dez, seguindo o vento leste fresquissimo, o Capitão determinou arribar a Gibraltar, chegando-se quasi hũa legoa de nós as duas naos, as quais pela navegação que faziam se entendeo não vinham a nós. Às tres oras se descobrio o Monte de Gibraltar e às 4, seguindo o vento fresco, nos achamos na boca do estreito. Às 5 o entramos mas, porque o vento era fresco, não podemos dar fundo senão feita noute. Às sete mandou o nosso Capitão na lancha ao escrivão saber do Loureto algũa noticia, que a não trouxe, e sim disse que naqueles tres dias lhes morreram tres pessoas, tendo 80 doentes, e que a nao fazia muita água. Continuou de noute o vento leste.(...)

6ª feira 19. O vento se declara oeste e fresco pelo que se dá novo tiro, e athe às dez oras se não pôde desanchorar, e as naos inglesas e olandesas se fizeram tambem (fl. 117v.) à vela. E hũa ora depois de todos se pôs também Loureto à vela, o qual, querendo dar o primeiro bordo, não podendo orçar pela pouca agoa em que se achava, deu em seco pelo que logo recolheo as velas, deo fundo, pôs bandeira de chamar e deo tiros, pelo que fomos obrigados a arribar logo e dar fundo como fizeram as outras nossas naos e hum patacho catalão que vinha em nossa conserva. Dado fundo, foram logo as nossas lanchas e o Capitão e gente acudir a nao Loureto, donde vindo a noute nos disse que, tendo dado em hum baixo de area, não tinha padecido por o mar estar brando, que se descarregava em hũa setia artelaria e algum tabaco para que aliviando e depois enchendo a mare surguisse. E que lhe botavam hũa amarra (que foi do nosso navio) por popa por impedir se não metesse mais na area. Acudiram tambem as mais lanchas e da terra alguns barcos que o Consul mandou, e o que mais ajudou a livra-la foi estar o tempo quieto e o mar leste. Pela mea noute deo hum tiro em sinal de que estava livre de todo o perigo.

Sabado 20. Continuou o tempo de oeste e o Loureto, ajudado das lanchas, não tendo tido damno algum, se prepara, carregando a artelaria e tabaco, fazendo nova augoada por ter vaziado a que tinha.

Domingo 21. Às 11 sarpamos com vento norueste brando. Chegando ao Cabo de Nossa Senhora da Europa, descobrimos tres navios e, por o vento se pôr contrario, nos pusemos à capa. Fez-se zafa rancho. E lançando bandeira genovesa, a lançaram os navios inglesa, e abrigado de vento leste arribamos a dar fundo e entramos juntamente com as tres naos de guerra inglesas, de 70 canhões a capitania, e as outras de 50 e 40. Salvamos a capitania com 5 tiros, que nos respondeo com tres. Pelas 4 horas da tarde demos fundo.

A tempestade (14 a 16 de Março de 1712, fls.118v.-119v.)

2ª feira 14. Amanheceu-nos 10 legoas do Cabo de S. Sebastião continuando o vento norte rijo com mares grossos. A nao Loureto, Campaneli e Alfonso, apenas se devisavam muito longe e se entendeo tinham arribado com proa a oeste. Badraco, e o patacho inglês, navegava junto a nós, e mais longe a nao de Guido. O piloto foi de parecer se arribasse com proa a Ponente athe ver se passava a tempestade. Porem o Capitão resolveo se entrasse o golfo, entendendo que a meo golfo se minorariam os mares, e largando a gavia se fez força de velas, mas por pouco tempo porque crescendo os mares e voltado a normordeste com mais furia o vento, se cerrou a gavia, e pelas 4 oras da tarde tambem a vela grande. Perdeo-se de vista o Badraco. Continuou (fl. 119) por

toda a noite com igual fúria, com tais balanços na nação que de hum a outro bordo corriam as camas, e entrando muita água na camera do Capitão, em que se acomoda a familia de Sua Excelencia, foi obrigada a vir para a camera de Sua Excelencia. Se passou a noite toda em trombeta.

3ª feira 15. Mudou-se o vento a oesnorueste com desmarcada fúria, e reconhecendo o capitão se não podia orsar, sem evidente perigo da nação e receo de descalhar-se em Cabo Corso, se resolveo a arribar a Serdenha fazendo a proa a sulsudoeste. Pelo meo dia se tomou o sol na altura de vinte e hum grao e 25 minutos, altura da boca de Bonifacio, estreito perigosissimo, pelo que fez toda a força por se afastar dele, mas batendo as ondas com desesperada fúria no costado da nação e metendo por isso muita água dentro, pôs o perigo a todos em notavel consternação e desconfiados os marinheiros recorreram a Deus, fazendo promessas de irem descalços ao Senhor do Castelo de Genova. E entrando o Capitão na camera de Sua Excelencia, pediu recorressemos a Nosso Senhor com algúas devoções e promessas, e depois de nos confessarmos todos, o Padre Paiva, pondo em publico hũa toalha com o sangue de S. Francisco Xavier, acodindo à camera de Sua Excelencia toda a sua familia e passageiros, se lhe rezou e prometemos todos irmos descalços a Nossa Senhora de Buen Aire de Serdenha. Rezou-se o terço e a ladainha, e a este tempo os marinheiros descobriram terra pela parte de Levante, o que nos animou muito por conhecermos estarmos livres da Boca de Bonifacio e Cabo de Casea, de que mais nos receavamos. De noite continuou a trombeta, com tão grandes balanços, que nem deitados no cham e pegados a cordas nos sostinhamos. Nesta noite nem Sua Excelencia se despio e o Auditor, cahindo de hum a outro bordo, se ferio na testa, o mesmo succedeo a hum passageiro. E nesta noite nem Sua Excelencia se despio, antes reconhecendo que o Capitão da nação de cansaço se deitou por não se poder ter em pé, vigiou Sua Excelencia toda a noite, indo por vezes recomendar vigilancias ao Piloto e officiais. Toda a noite se passou em hum continuo susto, esperando em cada onda a morte e a sepultura.

4ª feira [16]. Amanheceo o dia continuando-se a mesma tempestade. Avistou-se por Levante terra, e entendendo o piloto ser o ultimo cabo de Serdenha pelo que o foi a tomar. Porem já perto se reconheceo ser o cabo de S. Marcos, que fica quasi no meo da Ilha, e aqui nos vimos em evidentissimo perigo por estarmos junto da costa e os mares e ventos furiosamente lançando-nos a ela, no que fazendo força de vela contra os mares e ventos foi Deus servido livrar-nos tambem deste perigo. Montando a Ilha de S. Pedro às 11 horas e passando pela hũa ora da tarde por entre os rochedos chamados Vaca e Touro, durando ainda a trombeta, que aqui nos (fl. 119v.) rasgou o velacho, entramos o golfo de Palma aonde, abrigados dos ventos contrarios, lançamos anchora pelas 4 horas e meia. Fomos logo à camera de Sua Excelencia e de juelhos se rezou o *Te Deum Laudamus* e a Salva Rainha, e nos demos os parabens huns aos outros de nos vermos livres de tão grandes perigos. Entrada a noite nos refizemos de forças por haver dous dias se não comia cousa que fosse a lume. Passou-se a noite, ainda que com grande mareta, já sem susto algum e com a alegria igual aos trabalhos e sustos que tinhamos padecido.

A promessa à Senhora de Buen Aire, Cagliari (19 de Março de 1712, fl. 120)

Sabado 19. Dia de S. Joseph. De madrugada avistamos Calhari. Entramos na bahia pelas dez oras. A nao Guido estava ancorada no dito porto e nos salvou com cinco tiros. Demos fundo e salva a Nossa Senhora de Buen Aire com 19 tiros e <7 boas viagens>, depois a cidade com cinco <e o Guido com tres>. < e salvou a nao ao Senhor Marques com 11 tiros>. Disse-se missa e comunguei e, por ser já tarde, não fomos antes de jantar a terra. <Neste manhã mandou o Vicerei pelo nosso escrivão da nao saber do Senhor Embaxador se queria entrar na cidade descuberto se incognito, a que o Senhor Embaxador agradeceu, escusando-se e querendo ir incognito>. Pelas duas oras se embarcou Sua Excelencia e nós e toda a mais familia e o Padre Paiva em os dois botes e, por haver maretta, não pudemos desembarcar à porta da terra, e fomos desembarcar à do Mar. Dahi fomos todos a pé athe à porta da terra donde nos haviamos desembarcar se não houvesse maretta. Esperamos largo espaço enquanto voltou a bordo hum criado de Sua Excelencia buscar hũa barra de ouro que tinha esquecido para oferta da Senhora. E chegada ele, havendo concurso de mais de quatrocentas pessoas, descalço o Senhor Marques do pé e perna, nós e toda a mais familia e o Padre Paiva, fomos todos acompanhados do Consul de Genova e varias pessoas em romaria a Nossa Senhora, que he hum espaço grande. <O nosso Capitão por estar estes dias de cama não foi a terra, mas mandou de regalo à Senhora hum anel que trazia de vinte mil reis com hũa zafira e dous diamantes, e tambem hum espadim de prata>. À porta da Igreja esperou a Comunidade dos Religiosos de Nossa Senhora das Mercês cuja é a Igreja, e o Padre Commissario lançou agoa benta ao Senhor Embaxador. Entramos na Igreja que tinham lumieada com bastantes luzes. Puseram ao Senhor Embaxador genuflectorio. Enquanto oramos, cantaram ao órgão a Salva Rainha e depois hum vilancico da historia da Senhora. Feita a oração, ofereceo o Senhor Embaxador à Senhora, nas mãos do Padre Commissario, hũa barra de ouro de valor de seis centos mil reis. As mais pessoas fizeram suas ofertas. Sahio o Senhor Embaxador, e nos depois, ao trono da Senhora. Deram-nos reliquias da arca. <Calçamo-nos> e, acompanhado da Comunidade, foi o Senhor Embaxador ver a Igreja nova que está ainda imperfeita, e despedido dos Religiosos nos viemos embarcar, ficando alguns criados de Sua Excelencia em terra <em casa do Capitão do Porto>. Chegamos a bordo e se passou a noute.

Chegada a Génova (30 de Março de 1712, fls. 121v.-122)

4ª feira 30. Antemanhã refrescou algum vento leste com que fizemos algum caminho, e amanhecemos à vista de Genova 7 legoas, e continuando o vento, chegamos ao molle <de Genova> pelo meio dia. Salvamos o Senhor do Castelo com 21 tiro[s e] boas viagens, e 5 Padres Nossos e Ave Marias. Depois nos salvaram a nao Loureto que já se achava no ancorador, e as mais naos da nossa conserva, e outras que estavam ancoradas. Demos fundo, concorrendo multidão de gente aos baluartes e ameas da cidade, e pouco depois principiaram a concorrer grande quantidade de botes a rodear a nao. Chegou a ela o escrivão da nao que tinha ido no bote e trouxe novas da grande alegria e festejo com que esta nao era <recebida> pelo que tinha padecido e tardado. Soubemos tambem que a nao Loureto, Campaneli e Alfonso, em o dia

em que nos entramos o golfo, elas arribaram à Costa da Cataluna aonde se detiveram em bordos athe os 17 do mesmo mes, e que aqui todos os passaseiros [*sic*] e ainda alguns italianos da nao Loureto desejaram por se livrar da nao, pelas doenças que padeciam, tomarem terra em Barcelona, e ahi mudaram de navio, mas o Capitão da nao Loureto, por se lhe (fl. 122) não desemparar a nao, nunca quis tomar terra athe que entrando aos dezassete o Golfo, depois aos dezanove lhe sobreveo hũa tal tromenta que estiveram de todo perdidos, ela e as mais naos, e especialmente a de Loureto, porquanto ambos os pilotos hiam doentes de malignas de que morreram. Mas foi Deus servido livra-los, e aos 21 entraram em Genova todas as tres naos e a de Loureto não teve licença de saude senão depois de seis dias. A nao de Badraco que nos tinha acompanhado athe meo golfo arribou a Liorni, aonde descarregou. O patacho porem ingles que nos acompanhou todo o golfo não tivemos mais noticias dele e entendemos se perderia. Toda a tarde concorreram muitas fáluas e botes a rodear a nao, e entre elas veo D. Carlos, Luis Guedes e Rui de Moura, que já estava bom de todo, e nos contaram o muito que tinham padecido na nao, e que se não mudaram para Badraco com a carta do Sua Excelencia porquanto chegou ela depois de estar a nao à vela em Saló. Pelas 4 oras foi a terra o Capitão buscar a Licença da saude, o Auditor e Carlos Gemac procurar locanda para Sua Excelencia e chegando no fim da tarde disseram a tinham escolhido boa e grande com todos os comodos necessarios.

Em casa do Duque de Uzeda (3 de Abril de 1712, fl. 123)

Domingo 3. Sahio Sua Excelencia às dez de casa a pé, seguido da cadeira de mão do Duque de Uzeda que lha tinha mandado para sahir nela, das ruas estreitas da Cidade athe ao Largo da Anunciada onde o esperava o coche do mesmo Duque. Entrou Sua Excelencia na Anunciada onde o foram cortejar D. Carlos, Rui de Moura e Pedro Guedes que ahi se achavam e ouviu a missa e vio a admiravel fabrica da Egreja, que he de tres naves com outo columnas por borda de marmore e as capelas de belos jaspes, e o tecto com admiravel pintura e he por todos reputada pela melhor Egreja de Genova. Entrou Sua Excelencia no coche levando a Carlos Gemac na cadeira de diante. Chegou a casa do Duque de Uzeda que he a S. Pedro de Arena. Veo recebe-lo o Duque e seu filho D. Melchior Pacheco ao topo da escada, achando já ao Principe Doria e outros fidalgos de Genova em hũa grande sala de perfeitissimas pinturas, e depois de algũa pratica se passou a outra casa igualmente rica donde estavam pervenidas duas mesas, hũa de forma ouvada com 13 lugares, outra redonda com quatro. Na primeira se deu o primeiro lugar a Sua Excelencia e de junto dele o Duque de Uzeda. Em os mais lugares, sem se observar ordem, se sentaram os mais cavalheiros que eram convidados pelo Duque, que eram o Principe Doria, Angelo Grimaldi, o ... Grimaldi Maltes, Francisco Grimaldi, João Domingos Lomelini, Julieto Gavoti, Jacomo Philipppo Duraso Ippolitino Mari, Jozepin Palavicini, Bachilin Spinola, D. Bertholameo ... Geral de ... espanol. Em a outra mesa com o filho do Duque comeram D. Camilo Doria, o filho do Principe, o Marques Stephano Dorca Geral das Gales, e o Marques Lorpa Espanhol. Foi coberta a mesa duas vezes com pratos de cozinha. A primeira foi servida no meo hum grande prato de sopa acompanhado de quatro de cozinha inteira, ao redor dos quais estavam 8 de mea cozinha, todos com

diferentes e delicadas iguarias e, para que não aparecesse a toalha, estavam em tres postes quatro framengos com manjar branco e jeleas. Na 2ª coberta, em lugar do grande prato de sopa, estava outro da mesma grandeza de assado de vitela e varias aves, rodeado na forma do primeiro cuberto de diferentes carnes, sendo de mais quatro pratos em forma de barcos com extravagantes saladas. Para a 3ª cuberta se mudaram os pratos, toalhas e guardanapos. Vieram doces em varias bandejas de madeira douradas. A do meo tinha 5 palmos de comprido e dous de largo em figura extravagante entrando nos concavos dela doze da mesma materia. Parte destas estavam cheas de doces secos em piramedí. Parte tinham doces de calda, e outras com varias e singulares frutas em piramede. Tirada esta cuberta se seguiram quantidade de bebidas exquisitas e vinhos odoríferos. Acabado o banquete, depois de larga conversação, se despedio Sua Excelencia, vindo no mesmo coche do Duque, chegando a casa com mea ora de noute.

A catedral de Génova (5 de Abril de 1712, fls. 123v.-124)

3ª feira 5. De manhã não sahio Sua Excelencia; fora ocupado com alguns negocios com o Padre Tambini. De tarde veo D. Carlos e Rui de Moura e Luis Guedes (como sempre fizeram em os mais dias) assistir a Sua Excelencia e acompanhado deles foi Sua Excelencia ver a Sé a qual he templo grande de tres naves, antiga obra gotica com outro columnas em cada nave, tres portas no frontispicio e quatro nos lados. No meo da nave do Evangelio está hũa capela grande de marmore, em que se veneram as cinzas e ossos de S. João Baptista com notavel veneração, pois em o meo da Capela se levanta hum altar de marmore, dos lados do qual sobem 4 columnas de porfido da altura de 14 palmos; estas sostetam hum tumulo para o qual se sobe por hũa escada, em que está hum caixão com as cinzas e ossos; e hũa ambula grande de cristal e prata dourada em que está hum grande osso da mão do mesmo Santo. O altar se alumia com 25 alampadas de prata; à roda dele estão em huns nichos sete estatuas de marmore, obras antiga e prefeita; a capela se feicha com hũas grades de marmore branco muito bem lavradas, e nela não podem entrar molheres, e se tem estas reliquias pelas de maior estimação. Em o cruzeiro no topo ha duas grandes capelas de marmores <em cima das quais estão dous grandes orgãos>. Em o altar coeltral da parte do Evangelio está o Santissimo. A capela mor he obra prefeitissima: sobe-se do pavimento do cruzeiro tres degraos para o presbiterio de 50 palmos em quadro; da parte do Evangelho, em o principio do presbiterio está a cadeira do Doge da Republica em tres degraos altos, encosto e genuflectorio, dossel de damasco e da mesma parte em distancia de 12 palmos, está outra (fl. 124) cadeira <do Arcebispo cardeal>, de tres degraos menos altos, com dossel da mesma altura e forma da do Doge e só nas cadeiras ha a diferença de que a do Doge he portatil e não está no dito lugar senão quando vem o Doge; a do Arcebispo he fixa de pao lavrado. E se nos disse que antes que o Arcebispo fosse cardeal tinha o seu lugar da parte da Epistola defronte do Doge. Depois porém em honra da dignidade a poseram da parte do Doge mais chegado ao altar. Soposto os Genoveses entendem que o lugar da cadeira do Doge he mais nobre porque o Cardeal lhe dá a mão direita. No fim do presbiterio sobem tres degraos para o altar, o qual no meo tem hũa grande imagem de Nossa Senhora da Assumpção sobre nuvens com anjos, tudo de metal obra de muito preço. Por detras do altar e presbiterio continua o choro dos conegos que tem a mesma largura do

presbiterio e comprimento 70 palmos, acabando em forma de mea laranja com duas ordens de cadeiras <para as quais se sobem 4 degraus>, a superior para os conegos, e no topo hũa cadeira para o Arcebispo hum degrao mais alta; a inferior para os pretos da maça²⁰; em o meo do coro hũa estante. Os conegos são por todos 12 em que entram seis dignidades; todos vestem <opas de seda rouxa> roquete, murças rouxas forradas de encarnado e de inverno de arminhos dos quais pondo hũa tira que enrolam em o braço e dizem ser sinal de capa magna de ... uzar. Os pretos da maça são trinta e estes fazem todas as obrigações do choro e missas (pois os conegos vencem-se com a assistencia), vestem tambem roquete sem mangas e murças forradas de A renda he muito ... porque o Arcebispo tem 17 mil cruzados, os conegos 200 mil reis. Tem mais seis moços do choro; e nas funções clasicas vem tambem officiais ao choro os seminaristas que são 60 rapaces, que todos vestem sobrepelises com mangas bem encrespadas e opas rouxas. As paredes todas são de marmores adornadas de bellissimas estatuas de santos. O tecto he pintado e dourado, tudo obra prefeitissima. A invocação da Igreja he de S. Lourenço. De aqui foi Sua Excelencia connosco dar hum passeio pela cidade observando nela os grandes edificios e nobres todos pintados por fora, fingindo columnas, frisos, estatuas, etc, e se recolheo Sua Excelencia já de noute.

A Procissão das Cinzas de S. João Baptista (10 de Abril de 1712, fls.124-125)

Domingo [10]. Por ter chovido em a tarde antecedente, que era a *Dominica in albis* e[m] que se costuma fazer a procissão das cinzas de S. João Baptista, se transferio para este dia. E Sua Excelencia, acompanhado de toda a sua comitiva, sahio a pé e foi para a porta da cidade da parte de oeste que era o melhor sitio para a ver. Ali o Capitão da Guarda fez lugar a Sua Excelencia onde ele e nós estivemos sentados. Não havia pelas janelas adornos alguns mas só grande concurso de gente por ser esta a principal procissão da cidade. Sahe da Cathedral e só recolhe a (fl. 124v.) a ela mesma. Chegou a procissão a qual principiava pela Cruz Archiepiscopal que a trazia hum preto de maça e dous aos seus lados com varas de prata. Seguiam quantidade de rapaces cantando louvores de S. João. A estes se seguiam doze ou treze irmandades as quais todas vestiam ao modo dos nossos penitentes mas huns de branco outros de preto outros de pardo e assim de diversas cores conforme a sua irmandade. Adiante de cada hũa <...> vinham raparigas vestidas limpas mas humildemente cantando versos do Santo. As Irmandades traziam adiante hũa cruz de pao, hũas com cruxifixo outras sem eles, e os Irmãos com tochas grandes levantadas aos peitos; e cada irmandade tinha dous governadores os quais vestiam na mesma forma, ... traziam hũas murças com o Santo cujo era a invocação da Irmandade e hũas varas de pao prateado em a mão. Despois disto vinham onze comunidades de padres, precedendo a cada hũa hũa cruz de pao voltada para a comunidade (e assim vinham as das irmandades). Porém os frades não traziam velas nem tochas. Seguesem [*sic*] os Parochos com

²⁰ Entre as dificuldades de leitura do manuscrito, custou-nos sobretudo perceber esta “expressão”. Deverá corresponder aos maceiros, officiais que transportavam e tinham como insignia a maça. Quanto a “preto” pensamos que possa ser uma adaptação de “preti”, masculine de “prete”, que significa padre em italiano.

**Igreja de S. Domingos, Igreja de Santa Maria Assunta de Carignano e o
Palácio Imperial (12 de Abril de 1712, fl. 125)**

3ª feira 12. Pela manhã Sua Excelencia entrou na Igreja de S. D..., obra antiga e grande de tres naves de outo arcos cada nave e 108 passos meus o corpo da Igreja. Tem algũas capelas muito bem feitas, de bons marmores. Ouvio missa. Daqui entrou na tenda de hum excultor, o melhor de Genova, aqui estava fazendo hũas estatuas para o Conde de Sarpedas e para outros cavalheiros, muito perfeitas. De aqui sahio a casa de huns pintores, filhos do grande pintor Paroli²¹, aonde vio algũas boas pinturas. Foi daqui ver a Igreja de Carinhã que fica em hum alto da cidade, tambem soberba. A forma por fora he quadrada, com hũa grande cupula sustentada em 4 pilares, e nos 4 quantos quatro torres . Em os 4 pilares ha 4 estatuas de 18 palmos de marmore, duas das [quais] dizem ser de estimavel preço pela perfeição da obra; ha colegenda com o choro detras do altar mor, em o qual estão seis castiças grandes feitos de ... bronze, obra de muitos labores e perfeitissima. Recolheo-se Sua Excelencia a casa. De tarde o foram buscar os cavalheiros Grimaldi [e] Lumbelino, e sahindo com eles Sua Excelencia e nós a pé, athe a Nunciada, onde estavam dous coches, hum do Duque de Useda que Sua Excelencia tinha mandado buscar, outro do Cavalheiro Grimaldi, com o qual e Lumilino se meteu em a tal caixa, e nos fomos em outro a ver o palacio Imperial. Este está fora da cidade perto de hũa milha, hum nobre palacio do qual se ve todo o jardim e quinta que he grande com grandes ruas, fontes, tanques, lagos, passeos, tudo obra regia e muito grande. E despois de se ver tudo muito bem voltou Sua Excelencia para a cidade onde chegou já de noute. E convidado dos mesmos cavalheiros, subiu a casa de ... Balbi onde estavam muitos cavalheiros e senhores, as casas com muitas luzes e bem adornadas. Ouve jogo de cartas e Sua Excelencia jugou com Madama Marina Grimaldi por muito tempo, e Doutor Lumilini acerregado. D. Carlos e outros cavalheiros e senhores jugaram ao quarenta. Ouve muitas bebidas frescas e nevadas e xicolates, e pela mea noute, acabando-se tudo, se recolheo Sua Excelencia a casa.

Preparativos da partida para Liorne (13 de Abril de 1712, fl. 125)

4ª feira 13. Sua Excelencia tinha resolvido o ir para Roma por nao, atendendo à grande comitiva e fato que havia e assim, aceitando a oferta que lhe tinha mandado fazer o Doge por via do Padre Jorge Soares, tinha pedido para ele à Republica hũa galera. E fazendo-se para este efeito conselho em o dia de hoje, antes de jantar lhe trouxe o Padre Soares ao Cavalheiro Duraso noticia de que a Republica tinha resolvido se desse a Sua Excelencia a Capitanea das galeras. Agradeceo Sua Excelencia, e de tarde o cavalheiro Grimaldi lhe trouxe a ordem da Republica, e despois com o cavalheiro Lumbilino foi Sua Excelencia a pé ver o Alberge, que he a obra mais magnifica que tem Genova. He hum edificio de fora das portas da cidade da parte do norte muito grande, em quadro, no centro do qual está a Igreja de boa architectura em a qual vem fechar 4 largos das mitorias, formando asim quatro claustros. O fundador desta machina he cavalheiro da casa Lumilina, e outros que a fizeram para refugio e amparo dos pobres. Nela se podem recolher, como já estiveram, mais de tres

²¹ Filippo Parodi nasceu em Génova em 1630, falecendo a 22 de Julho de 1702.

mil pessoas de todas as idades e ambos os sexos; aos mininos os ensinam a escrever e officios, como tambem as meninas. Aos homens e mulheres ocupam cada hum nos seus officios ou lhes ensinam os de que são capazes, e do lucro dos seus trabalhos com mais algũas rendas os sustentam. Toda a fabrica he de quatro andares: e o inferior servia de almacens e despensas; o 2º de oficinas, cozinhas, despensas, refeitorios aonde jantam em comunidade, e os dos rapaces tem 108 passos em 9 ordens de mesas; o 3º he das fabricas de todos os officios, acomodando-se em cada casa, que he muito grande, grande numero de officiais de cada officio; em o 4º serve de habitação das ... e alguns doentes; e em algũas partes chegam a 5º andar que se ocupa na mesma forma para dormirem os mais pequenos. O governo economico he admiravel, tem clerigos que os governam, os homens estão em dormitorios à parte, etc. De aqui foi Sua Excelencia de noute a conversa para casa do Senhor ... Palavicino. À hũa ora da noute chegou de Roma Joseph Cesar de Meneses, primo de Sua Excelencia, que lhe vinha assistir. Fez-se logo aviso a Sua Excelencia o qual vindo o recebo com demonstrações de muito gosto e contentamento e ficou hospedado com Sua Excelencia.

Bibliografia

1. Fontes manuscritas e impressas

Manuscrito 677, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Códice 418, Biblioteca Nacional.

LUSITANO, Vieira (1780). *O Insigne Pintor e Leal Esposo Vieira Lusitano, Historia Verdadeira que elle escreve em Cantos Liricos*. Lisboa: Francisco Luiz Ameno.

2. Estudos

AUGUSTO, Sara (1999). “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela”. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens, Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Cosmos. 83-125.

BRASÃO, Eduardo (1943). *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa (1716-1740)*. Porto: Livraria Civilização.

BRASÃO, Eduardo (1938). *Relações externas de Portugal. Reinado de D. João V*. Porto: Livraria Civilização Editora.

BRASÃO, Eduardo (1937). *D. João V e a Santa Sé*. Coimbra: Coimbra Editora.

PAIVA, José Pedro (2000). “A Igreja e o poder”. *História Religiosa de Portugal 2*. [Lisboa]: Círculo de Leitores. 164-165.